

INTERVENÇÕES EM TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇAS: RESULTADOS E IMPACTOS DO PROJETO LAPTO DA UFPEL

LEANDRA FERREIRA DOS SANTOS¹; JAYNE GABRIELA DOS SANTOS
RODRIGUES²; LARISSA GOUVÊA SOARES³;
NICOLE RUAS GUARANY⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – leandraferreira27@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jaynegsrodrigues@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gslarislana@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – nicolerg.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional (TO) entende e compreende que as identidades humanas são constituídas com base no que esse sujeito faz desde sua infância (ASBJØRNSLETT *et al.*, 2015), assim, podemos compreender as ocupações infantis como ações intencionais realizadas por elas, e, à medida que se envolvem em ocupações com sua rede de cuidado, como a família, amigos e a escola, constroem um repertório ocupacional que lhes permitirá desenvolver seus papéis, como criança que brinca, estuda e se relaciona com outras pessoas. (MANDICH; RODGER, 2006). Ao trabalhar com a perspectiva ocupacional nas infâncias, a TO centraliza suas ações no modo de entender o fazer humano e as ocupações cotidianas como fenômenos transversais e inseparáveis dos sujeitos e dos contextos que vivenciam. Dessa forma, contribui para a compreensão do dia a dia de crianças, tanto com desenvolvimento típico quanto atípico, e de suas famílias (ASBJØRNSLETT *et al.*, 2015).

É importante salientar que o termo 'infâncias', no plural, resulta do esforço de pesquisadores dessa área em dar visibilidade às crianças e às suas vivências dentro de contextos sociais e culturais diversos. O objetivo é abarcar as diversidades e atravessamentos que diferentes crianças experienciam em seu cotidiano, refutando visões universalizantes que englobam as formas de agir e pensar políticas voltadas para a infância. Tais visões, muitas vezes baseadas em concepções biologicistas e/ou desenvolvimentistas, têm historicamente concebido a infância de maneira única, delimitando quem se enquadra ou não nesse segmento já preestabelecido (PASTORE, 2020). Portanto, ao falarmos sobre infâncias e crianças na Terapia Ocupacional, é necessário manter um diálogo constante com o amplo espectro de histórias, contextos, culturas, além de questões socioeconômicas, raciais, de gênero e geracionais (PASTORE, 2021).

A atenção e o cuidado às infâncias é uma das áreas da TO com atuação mais estruturada e desenvolvida, onde os terapeutas ocupacionais reconhecem o engajamento ocupacional da criança no brincar como um processo essencial para seu desenvolvimento. Além disso, o brincar é considerado tanto o foco da ocupação quanto um mediador da intervenção, sendo uma das principais atividades desempenhadas nas infâncias (PASTORE 2020; CASTRO 2023).

As práticas e intervenções de Terapia Ocupacional são constituídas por procedimentos, inclusive tecnológicos, envolvidos numa experiência “ética-estética” de construção e integração (BENETTON, 2006). No Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), o sujeito alvo da TO é aquele que apresenta dificuldades em organizar e fazer funcionar seu cotidiano, por diversas e variadas razões, resultando em uma experiência de vida limitada e uma exclusão social significativa (COELHO, 2021). O principal instrumento de trabalho da TO com

crianças são as atividades relacionadas ao brincar, visto que essa atividade permeia todo o cotidiano infantil. Dessa forma, a criança alvo das intervenções é aquela que, por alguma limitação e/ou sofrimento, apresenta dificuldades ou impossibilidades de brincar (COELHO, 2021). Partindo disso, as intervenções terapêuticas ocupacionais são fundamentadas em conceitos que orientam práticas voltadas ao desempenho ocupacional, envolvendo atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD) e demandas relacionadas a outras ocupações, como gestão da saúde, sono/descanso, lazer, educação, trabalho e participação social. A ênfase está na promoção da participação ativa do indivíduo em seu cotidiano.

Quando se adentra no mundo das infâncias, o acolhimento e o cuidado às crianças atendidas e suas famílias são essenciais para conquistar o maior ganho funcional possível nos primeiros anos de vida, fase em que a formação de habilidades primordiais e a plasticidade neuronal estão fortemente presentes, proporcionando amplitude e flexibilidade para a progressão do desenvolvimento nas áreas motoras, cognitiva e de linguagem (MARIA-MENGEL; LINHARES, 2007).

2. METODOLOGIA

O presente resumo tem como objetivo descrever o perfil ocupacional de crianças em acompanhamento no ambulatório de seguimento. Além de descrever os aspectos, busca-se abordar a utilização de uma das avaliações padronizadas aplicadas aos pacientes e a importância dessa avaliação na construção das intervenções e objetivos funcionais para a aquisição de habilidades das crianças acompanhadas. As atividades descritas fazem parte de um dos eixos e ações do projeto de extensão Laboratório de Práticas e Pesquisa em Terapia Ocupacional, Saúde Materna e Desenvolvimento Infantil (LAPTO), do qual o Pró-Infanti tem como objetivo avaliar o desenvolvimento infantil, promover estimulação precoce, oferecer apoio e orientação às famílias, e monitorar as habilidades adquiridas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O perfil ocupacional descrito refere-se a crianças entre 1 e 5 anos de idade, sendo três do sexo feminino e uma do sexo masculino, acompanhadas periodicamente desde o ano de 2019 até o presente momento.

Os atendimentos foram realizados semanalmente por extensionistas de Terapia Ocupacional, com supervisão prática e teórica da docente e terapeuta ocupacional responsável, e com duração aproximada de 50 minutos, no Serviço Escola de Terapia Ocupacional (SETO). As principais condições de saúde observadas nas crianças em acompanhamento são: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down e Paralisia Cerebral (PC).

As crianças em acompanhamento foram avaliadas periodicamente, com base na compreensão de que o conjunto de avaliações utilizadas em uma anamnese inicial, assim como nas reavaliações, abrange informações necessárias para a construção do raciocínio clínico, do plano de intervenção, da identificação das principais dificuldades e da formulação de objetivos funcionais.

Uma das avaliações mais utilizadas nas ações do projeto é a Ages & Stages Questionnaires (ASQ). Esse instrumento contém em sua estrutura perguntas que investigam se a criança já desenvolveu plenamente determinadas habilidades, com respostas fornecidas pelo informante em três alternativas: “sim”, “às vezes” ou “ainda não”. O teste parte do pressuposto de que uma habilidade plenamente

desenvolvida é aquela que a criança executa com sucesso todas as vezes que tentar (RIO DE JANEIRO, 2010).

Dentre as avaliações utilizadas, o protocolo padronizado ASQ destaca-se por reunir informações e dados cruciais para comparar, desenvolver e elaborar práticas adequadas e eficazes durante o processo de acompanhamento no ambulatório de seguimento. Após a aplicação do protocolo padronizado e a obtenção de resultados, identificam-se atrasos nas áreas do desenvolvimento, com dificuldades no brincar que interferem diretamente na participação e no engajamento das ocupações.

Os resultados evidenciam atrasos nas áreas de comunicação, coordenação motora ampla e fina, resolução de problemas e aspectos pessoais/sociais das crianças acompanhadas pelo projeto. Este recorte amostral, composto por quatro pacientes em intervenção terapêutica ocupacional, revela que a maioria enfrenta dificuldades nas habilidades de intenção comunicativa, interferindo na fala funcional, no manuseio de utensílios, como talheres e copos, além de impactar atividades escolares, como o uso adequado do lápis e a manutenção de posturas ergonômicas.

Além disso, observam-se baixa tolerância à frustração e dificuldades no desempenho funcional e funções executivas. Essas identificações, resultantes das avaliações, possibilitam a construção do raciocínio clínico das extensionistas responsáveis pelos casos, ao mesmo tempo em que embasam a elaboração das intervenções e dos métodos utilizados para alcançar os objetivos e metas estabelecidos. Após o período de avaliações, sejam observacionais e/ou padronizadas, constrói-se o plano de intervenção com objetivos terapêuticos, visando o ganho de habilidades funcionais, autonomia e participação social.

Durante o acompanhamento das crianças que estavam em intervenção terapêutica ocupacional, as atividades realizadas pelo projeto tinham como objetivo melhorar o desempenho ocupacional em atividades de vida diária, funções executivas e brincar, aliados a ganhos motores. Através de experiências lúdicas, baseadas em desafios na medida certa, garantiu-se o engajamento e a participação da criança no processo terapêutico.

4. CONSIDERAÇÕES

A periodicidade das avaliações possibilita observar o progresso de forma a mensurar déficits e objetivos funcionais. Contudo, é importante ressaltar que os testes padronizados são baseados em crianças com desenvolvimento típico. As intervenções que têm o brincar como meio e fim possibilitam que as crianças experienciem a si mesmas, resultando em autonomia dentro de suas possibilidades.

Por fim, as intervenções realizadas com a amostra das quatro crianças em acompanhamento pelo projeto auxiliaram na ampliação da compreensão sobre a prática, o que é possível para a criança, a importância do cuidado e as potencialidades que ela apresenta, reforçando o sentido de eficiência da terapia ocupacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASBJØRNSLETT, M.; ENGELSRUD, G. H.; HELSETH, S. (2015). How children with disabilities engage in occupations during a transitional phase. **Journal of Occupational Science**, v. 22, n. 3, p. 320-333.

BENETTON, J. (2006). Trilhas Associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da Terapia Ocupacional. 3ª edição. Campinas: **Arte Brasil Editora**; Unisalesiano – Centro Universitário Católico Auxilium.

CASTRO, J. C. (2023) Perspectivas acerca do uso do brincar na formação de Terapia Ocupacional. **Monografia** (Graduação em Terapia Ocupacional) - Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Sergipe, Lagarto.

COELHO, M. C. (2021) Brincar é coisa séria. **Revista CETO**, ano 13, n. 13, p. 49-56.

MANDICH, A.; RODGER, S. A. (2006). Doing, being and becoming: Their importance to children. In S. Rodger & J. Ziviani (Eds.), Occupational therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation (pp. 115-135). **Malden**: Blackwell Publishing.

PASTORE, M. N. (2020). Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. **Tese** (Doutorado em Terapia Ocupacional) - Curso de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PASTORE, M. N. (2021). Infâncias, crianças e travessias: em que barcos navegamos?. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2797.

RIO DE JANEIRO. (2010). Secretaria Municipal de Educação. Manual de uso do ASQ-3. **Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1132535/DLFE-205901.pdf/> 1.0. Acesso em: 16 set. 2024.